

A IMPORTÂNCIA DO ÁRTICO NA SEGURANÇA INTERNACIONAL¹

THE ARCTIC'S IMPORTANCE TO INTERNATIONAL SECURITY

Nuno José de Melo Canelas Sobral Domingues

Capitão-de-mar-e-guerra
Licenciado em Ciências Militares Navais pela Escola Naval
Chefe de Gabinete do Diretor Geral da Autoridade Marítima
Investigador Associado do Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar
1449-027 Lisboa
nuno.sobral.domingues@marinha.pt

Maurício Pozzobon Martins

Coronel Aviador da Força Aérea Brasileira
Mestre em Computação Aplicada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Chefe da Divisão de Coordenação da Diretoria de Ensino da Aeronáutica
Investigador Associado do Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar
1449-027 Lisboa
mauriciopoz@gmail.com

Paulo Manuel Simões das Neves de Abreu

Coronel de Cavalaria
Mestre em Ciências Militares pela Academia Militar
2.º Comandante da Brigada Mecanizada
Investigador Associado do Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar
1449-027 Lisboa
abreu.pmsn@mail.exercito.pt

João Carlos Santana Mairos

Coronel Médico da Força Aérea Portuguesa
Especialista em Ginecologia e Obstetrícia, com o grau de Consultor
Sudiretor da Direção de Saúde da Força Aérea Portuguesa
Investigador Associado do Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar
1449-027 Lisboa
joaomairos@sapo.pt

Resumo

O Ártico é uma área inóspita, de difícil acesso, onde só em 1905 o explorador norueguês Roald Amundsen conseguiu atravessar o Estreito de Bering (EB) e alcançar o Oceano Pacífico. As grandes superfícies geladas com temperaturas que descem aos -46º *Celsius* e podem estender-se da Gronelândia ao Canadá, à Rússia, aos Estados Unidos da América (EUA) e à Noruega, tornam esta região extremamente dura para a atividade humana. Com o aquecimento global a camada de gelo recua, deixa mais áreas acessíveis, e a Rota do Nordeste

Como citar este artigo: Domingues, N., Martins, M., Abreu, P. e Mairos, J., 2018. A Importância do Ártico na Segurança Internacional. *Revista de Ciências Militares*, novembro, VI(2), pp. 17-50.
Disponível em: <https://www.ium.pt/cisdi/index.php/pt/publicacoes/revista-de-ciencias-militares>.

¹ Artigo adaptado a partir do trabalho de investigação em grupo realizado no âmbito do Curso de Promoção a Oficial General 2017/18, cuja defesa ocorreu no 1.º trimestre de 2018, no Instituto Universitário Militar.

e do Noroeste estão transitáveis durante mais tempo. Simultaneamente, a evolução da tecnologia permite a exploração em áreas e profundidades antes inacessíveis e cujos recursos são valiosos para a produção de bens e serviços para uma população mundial em crescimento, tornando a região motivo especial de interesse e correspondentes conflitos, em especial, para os EUA, a Rússia, o Canadá, a Noruega e a Dinamarca. Neste contexto, através do presente estudo, caracterizou-se o Ártico, identificaram-se as estratégias em confronto, os conflitos existentes e o dispositivo militar, a fim de compreender a influência desta dinâmica regional na estabilidade global, tendo-se concluído que a probabilidade de resolução diplomática dos conflitos é elevada, não sendo provável que a região constitua um foco de instabilidade.

Palavras-Chave: Ártico, Aquecimento Global, Rotas Marítimas, Relações Internacionais.

Abstract

The Arctic region is inhospitable and difficult to reach. It was only in 1905 that Norwegian explorer Roald Amundsen crossed the Bering Strait (BS) into the Pacific Ocean. In the vast icy areas that extend from Greenland to Canada, Russia, the United States of America, and Norway, temperatures can drop as low as -46°C, making human activity in the region extremely difficult. Today, due to the effects of global warming, which have caused the icecaps to retreat, more areas have become accessible and the Northern Sea Route and Northwest Passage are navigable for longer periods. In addition to this, new shipping technologies have enabled exploitation in areas and at depths that were previously inaccessible and that hold valuable resources for the production of goods and services for a growing world population. This makes the region particularly attractive and a fertile ground for disputes, mainly between the USA, Russia, Canada, Norway, and Denmark. This study provides a characterisation of the Arctic, identifies the different strategies, disputes, and military forces to understand the region's dynamics and how they could affect global stability. It was concluded that the chances of a diplomatic resolution are high and that the region is unlikely to become a focus of instability.

Keywords: Arctic, Global Warming, Maritime Routes, International Relations.

Introdução

A região do Ártico tem-se mantido pouco explorada devido às suas características geográficas e climáticas, que combinam frio extremo e relativa inacessibilidade (Filipe, 2017). Recentemente, em resultado do degelo e da evolução tecnológica, avizinham-se mudanças importantes, com impacto nos estados costeiros, mas também com reflexos globais nas áreas económica, ambiental e, possivelmente, militar (Marshall, 2017).

Exemplo de mudança na região é a navegação na Rota do Noroeste (RNO), no arquipélago ártico do Canadá, durante várias semanas de verão por ano, em virtude do progressivo degelo, o que reduz significativamente os tempos de viagem. Entretanto, não se pode ignorar

que as alterações climáticas que favorecem a navegação afetam negativamente a economia de diferentes países, nomeadamente pelo deslocamento de recursos piscatórios para regiões mais ao norte (Marshall, 2017).

Sobre os recursos naturais, pesquisas da *United States Geological Survey* (USGS) afirmam que a região do Ártico contém grande parte do gás natural ainda não descoberto, além de cobre, ouro, zinco, chumbo e níquel, entre outros minerais (USGS, 2008).

A relevância dos recursos é base para disputas especialmente entre os Estados Costeiros do Ártico² (ECA). Um exemplo são as disputas entre a Rússia e Noruega, no Mar de Barents na delimitação da Zona Económica Exclusiva (ZEE), retratadas mais à frente, ainda não totalmente solucionadas, mas que têm vindo a ser gradualmente ultrapassadas no âmbito diplomático.

Para Aron (2002, p. 99), “no campo das relações internacionais, o poder é a capacidade que tem uma unidade política de impor sua vontade às demais”. Com base nesta definição, passamos a entender “dinâmicas de poder” como a interação entre os Estados no exercício da política e das relações internacionais, num choque de vontades na busca de objetivos antagónicos.

Como partida para a investigação, foi definida como Questão Central: Qual a influência das dinâmicas de poder entre os Estados Costeiros do Ártico na segurança internacional?

Do ponto de vista metodológico foi utilizada uma estratégia de investigação qualitativa, um desenho de pesquisa tipo estudo de caso, e um raciocínio indutivo. A recolha de dados efetuou-se por análise documental e bibliográfica, além de entrevistas semiestruturadas a entidades com reconhecido conhecimento sobre o tema.

1. Revisão da literatura

Atualmente há mais dúvidas do que certezas acerca do futuro do Ártico, mas a sua importância estratégica traduz-se nas diversas publicações de carácter científico e político elaboradas nos últimos anos.

Quanto às questões ambientais a camada de gelo do Ártico está a recuar e os cientistas estão incertos sobre o modo em que os ecossistemas serão afetados (Østerud & Hønneland, 2014).

Já existem aldeias na região do Mar de Bering que foram transferidas para outros locais devido à erosão do litoral e à perda de terrenos de caça, pela deslocação da fauna para novas regiões em busca de alimentos. Alguns modelos de previsão climática calculam que no final do século poderá não haver gelo no verão (Marshall, 2017).

Como consequência do degelo surgem novas rotas, com algumas vantagens económicas e com interesse para diversos atores entre os quais a Rússia como estado costeiro da Rota do Nordeste (RNE) e a China como potencial utilizador (Filipe, 2017), mas também o Canadá e os EUA como estados costeiros da RNO.

² Canadá, Dinamarca, EUA, Noruega e Rússia.

A perspectiva de abundância de recursos naturais, com destaque para os hidrocarbonetos, também atrai a atenção para o Ártico (USGS, 2008).

Sob o ponto de vista militar, destaca-se que a zona delimitada pelo Círculo Polar Ártico (CPA) foi uma área de confronto estratégico durante a Guerra Fria, fortemente militarizada e politicamente sensível (Østerud & Hønneland, 2014). Atualmente para além da competição pelos recursos, mantém o seu elevado valor geoestratégico (Guedes, 2018) e assiste-se a um incremento da presença militar e preparação de forças militares para operarem naquela região.

Entretanto, o crescente interesse no Ártico tem provocado reações no sentido de readequação de políticas e estratégias militares de diferentes países conforme é visível nas estratégias dos ECA (Ferrão, 2018).

Para Leal (2012), no Ártico, a par da conflitualidade latente coexiste a cooperação internacional, com potencial de reforçar a estabilidade. Também Heininen (2015), tem uma posição semelhante, referindo que um dos maiores equívocos sobre o Ártico é a ideia que se encontra em curso uma corrida sem regras à exploração de recursos o que tendencialmente provocará conflitos na região. Este mesmo autor, continua referindo que apesar de algumas tensões entre estados, o Ártico, no período pós Guerra Fria, demonstra ser uma região de significativa estabilidade baseada na cooperação multilateral entre estados, povos indígenas e organizações não governamentais.

Por outro lado, Huebert et al (2012) apesar de reconhecerem que as estratégias declaradas pelos vários Estados da região são prioritariamente cooperativas, consideram existir, a par, um investimento relevante na área militar que pode prejudicar a diplomacia e colocar em risco a estabilidade. Também Balão (2012), parece comungar de uma opinião próxima, ao referir que “embora o discurso argumente a favor de uma solução pacífica para as questões que envolvem o Ártico, o facto é que os polos de potencial conflito são muitos e de “peso” e ainda que “a “corrida às armas” já teve o seu início no Ártico”.

Sendo distintas as posições dos vários autores, importa analisar, com detalhe, não só as estratégias dos Estados, como os conflitos atualmente existentes e a sua evolução histórica, as forças militares em presença e os recursos em apreço, entre outros fatores, procurando através de uma abordagem global estudar as circunstâncias envolventes e as respetivas consequências para perceber a sua potencial influência na estabilidade da região e do mundo.

2. Fatores Físicos

2.1. Caracterização do Ártico

Ártico, do grego *arktikos* ou *artkos*, deve o nome à constelação da Ursa Maior ou “Grande Urso”(Dictionary, 2018 e Marshall, 2017, p. 224).

O Ártico é a região em torno do Pólo Norte, constituída pelo Oceano Glacial Ártico (OGA), rodeado pelas terras mais setentrionais do globo terrestre (Figura 1).



Figura 1 - O Ártico

Fonte: NSIDC (2018).

Adota-se a delimitação que o define como o espaço a Norte do CPA, uma linha imaginária de latitude 66.34° Norte (NSIDC, 2018). A esta latitude o sol está acima do horizonte após o solstício de verão e abaixo do horizonte após o solstício de inverno.

O OGA é o mais pequeno dos oceanos do planeta (14.000.000 km²), mas constitui uma imensa área oceânica permanentemente coberta de gelo e rodeada pelas massas continentais que pertencem aos ECA (O'Rourke, 2018).

O clima do Ártico é extremamente frio e as temperaturas no inverno podem descer abaixo dos -46°C, coexistindo com ventos fortíssimos. Durante o verão, em regiões mais a sul, o sol pode incidir no gelo durante 24 horas seguidas provocando grandes icebergues com risco para a navegação marítima.

2.2. A população

Vivem dentro do CPA (Figura 2) aproximadamente 4 milhões de pessoas. A região é das menos habitadas do mundo e os principais centros populacionais são, na Rússia, Murmansk com 300.000 pessoas, Norilsk com 170.000 e Vorkuta com 60.000, Reykjavík na Islândia com 100.000 e Tromsø na Noruega com 71.000. Os habitantes do Ártico são caucasianos mas também vários povos indígenas, como os *Yakuts*, *Inuits*, *Dolgans*, *Evenks*, *Evenes*, *Karelians*, *Nenets*, *Chukchi*, *Koryaks* (TheArctic, 2018).

Desta população (Figura 2), metade é russa e a restante distribuída pelos EUA, Canadá, Dinamarca, Islândia, Noruega, Suécia e Finlândia, sendo mais de 500 mil indígenas.

Arctic Population
Country's Population Within Arctic Areas
■ 2000 ■ 2015

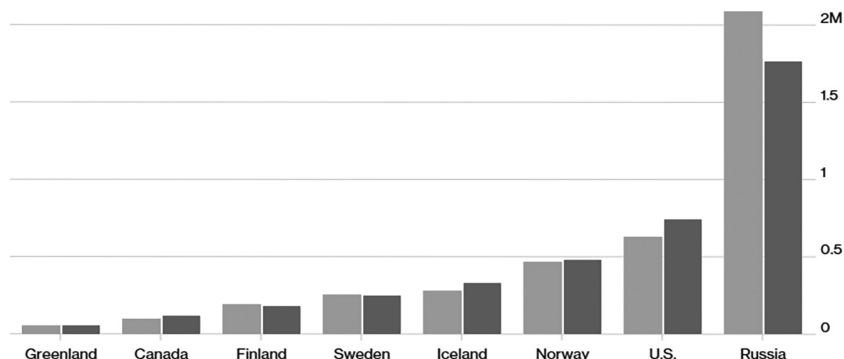


Figura 2 - População do Ártico

Fonte: Heleniak (2014).

2.3. Mares e batimetria do Ártico

A batimetria consiste na medição da profundidade dos oceanos, lagos e rios, sendo expressa cartograficamente.

A batimetria do Ártico, Figura 3, evidencia duas grandes bacias oceânicas, a Euro-asiática e a Americo-asiática, separadas por uma cordilheira submarina central, a Cordilheira de Lomonosov. A bacia Euro-asiática tem uma profundidade máxima de 4200 metros e é rodeada por uma estreita Plataforma Continental (PC). A bacia Americo-asiática tem uma profundidade média de 3750 metros, é maior do que a Euro-asiática é e rodeada por uma PC muito ampla (Sechrist, Fett, & Perryman, 1989, pp. 2-1). A cordilheira de Lomonosov tem uma extensão aproximada de 2000 Km e atravessa o Pólo Norte (NATO, 2009).

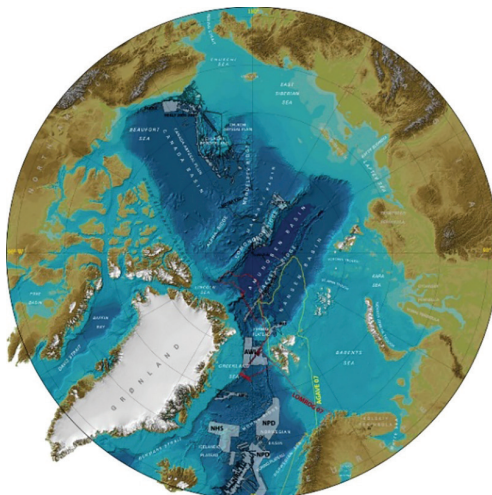


Figura 3 - Batimetria do Ártico

Fonte: Geográfico (2018).

A geografia do fundo marinho do Ártico condiciona fluxos de água entre o OGA e os Oceanos Atlântico e Pacífico com os quais comunica, o que influencia a temperatura oceânica, a formação de gelo, o degelo e os níveis de salinidade da água, com repercussões no clima.

Definem-se no OGA, na costa americana, o Mar de Beaufort, (a norte da região mais setentrional do Alasca e do Canadá) e a Baía de Baffin (entre a ilha canadiana de Baffin e a Gronelândia). O Mar da Gronelândia situa-se a leste da costa da Gronelândia. Entre a Islândia, o Mar da Gronelândia e a costa da Noruega, situa-se o Mar da Noruega. Em posição mais setentrional localiza-se o Mar de Barents banhando a Noruega, a Península de Kola e a ilha russa de Novaya Zemlya e comunicando com o Mar da Noruega. O Mar de Kara situa-se entre a ilha de Novaya Zemlya a oeste, a costa continental da Rússia e as ilhas de Severnaya Zemlya. O Mar de Laptev localiza-se entre as ilhas de Severnaya Zemlya e as ilhas da Nova Sibéria e o Mar da Sibéria Oriental entre o Mar de Laptev e o Mar de Chukchi. O Mar de Chukchi situa-se entre o Mar da Sibéria Oriental e o Mar de Beaufort, ligando-se ao Oceano Pacífico pelo EB e tocando as costas da Rússia e dos EUA.

2.4. Os recursos do Ártico

O Ártico é rico em hidrocarbonetos como petróleo e gás natural, assim como em reservas de chumbo, zinco, ouro, prata, níquel, urânio e diamantes. No *permafrost*³ e no fundo marinho é também rico em metano, gás com grande influência no aquecimento global, mas que pode vir a constituir futuramente uma relevante fonte de energia (Leal, 2012).

O Alasca possui uma importante reserva de petróleo. O Canadá possui igualmente quantidades muito significativas de petróleo e gás natural, mas também diamantes e urânio. A Gronelândia possui minas de diamantes, rubis, ouro, níquel, urânio e zinco, assim como bauxite (alumínio bruto). A Noruega possui importantes reservas de petróleo e gás natural. A Rússia possui grandes reservas de petróleo, carvão e gás natural, ferro e bauxite, níquel, diamantes, ouro, platina, níquel, cobre, cobalto, estanho e outros recursos minerais, para além de importantes reservas de água doce e produtos do mar (Leal, 2012).

Muito embora a magnitude dos recursos referidos, nomeadamente o petróleo e gás natural, seja ainda uma incerteza e o custo da sua exploração muito elevado (e um difícil desafio tecnológico), as reservas estimadas são muito tentadoras. Contudo, estima-se que a grande maioria destas reservas esteja em zonas *offshore*, em águas pouco profundas nas ZEE, o que as exclui de eventuais futuras disputas territoriais (Costa, 2016).

2.5. As rotas marítimas

Em virtude do aquecimento global e consequente degelo é de prever o aumento do período de navegabilidade das rotas existentes (Costa, 2018). As rotas atualmente definidas são, como referido, a RNO, com sete percursos distintos, e a RNE (Figura 4).

³ O *permafrost* (ou solo permanentemente congelado) é solo, sedimento ou rocha, que permanece a temperaturas inferiores a 0°C por um período não inferior a dois anos. Ocorre quer em terra firme, quer *offshore* e a sua espessura varia de 1 metro a mais de 1000 metros (NSIDC, 2018).

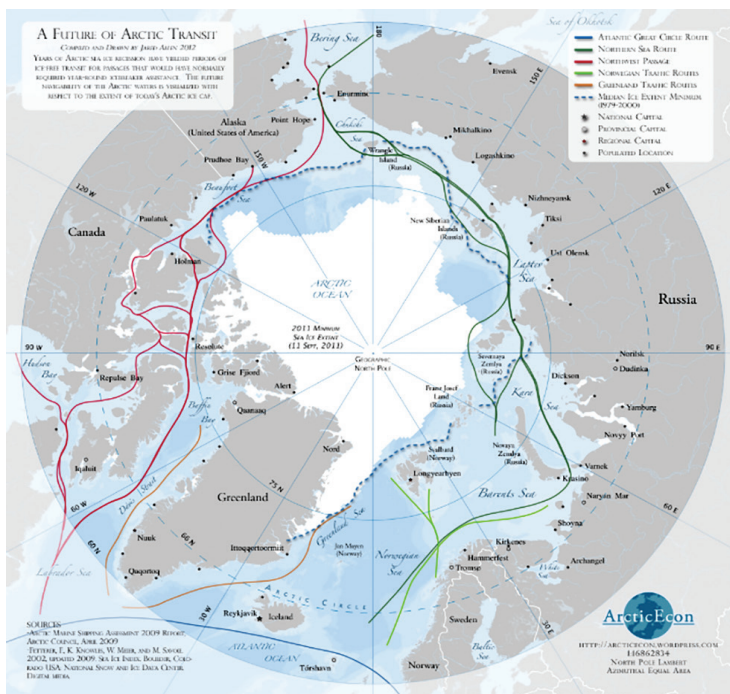


Figura 4 - Rotas Marítimas

Fonte: ArcticEcon (2012).

A navegabilidade da RNE por períodos previsivelmente mais prolongados e eventualmente dispensando o auxílio de navios quebra-gelo, quer devido ao desenvolvimento de novas soluções tecnológicas na indústria naval, quer ao aquecimento e a degelos mais acentuados, permitirá, em determinados casos, reduzir significativamente as distâncias, na ordem dos 35% e 60% com ganhos de tempo e custos em relação às rotas com passagem pelo Canal do Suez e do Panamá (Titley e St. John, 2010, p. 5).

2.6. Alterações climáticas

É globalmente aceite pela comunidade científica que as mudanças climáticas são dominadas pela influência humana, através das modificações induzidas pelo homem na composição atmosférica. Essas alterações advêm do uso de energias fósseis, da urbanização e das mudanças no uso do solo, existindo ainda uma incerteza considerável acerca da taxa de mudança exetável. É, porém, claro, que o ritmo e o impacto destas mudanças são cada vez maiores, com temperaturas e precipitação extremas, diminuição da neve sazonal e perene, assim como do gelo (Figura 5) e aumento do nível do mar. No quinto relatório de avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas refere-se que a temperatura total da superfície terrestre e do mar global foi aquecida entre 0,65 e 1,06° C de 1880 a 2012 (IPCC, 2013), afirmando-se também que para um período considerado entre 1901 e 2012 foi experimentado globalmente um aquecimento da superfície (NSIDC, 2018).

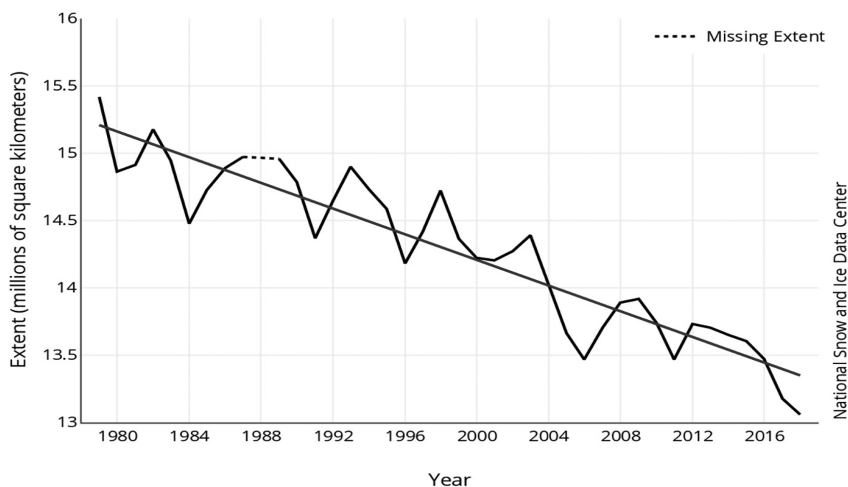


Figura 5 - Variação do gelo no Oceano Ártico

Fonte: NSIDC (2018).

No seu quarto relatório de avaliação, o *Intergovernmental Panel on Climate Change* identificou como agente causador do aquecimento as concentrações atmosféricas de gases com efeito estufa, secundários à queima de combustíveis fósseis e às mudanças no uso da terra, associando-as ao aumento do dióxido de carbono, do metano e do óxido nitroso na atmosfera. Nas regiões criosféricas, onde o gelo nos fornece evidência visual direta de mudanças de temperatura, é possível confirmar os efeitos do aquecimento global e das alterações climáticas.

2.7. Síntese conclusiva

O Ártico é uma região inóspita, com condições climáticas adversas e habitado por reduzido número de seres humanos. Os estudos indicam que o Ártico possui recursos em abundante quantidade, sobretudo hidrocarbonetos, recursos minerais e diamantes. A inacessibilidade do Ártico tem constituído um entrave à circulação marítima pelo tempo limitado em que ocorre o degelo, mas também pelo perigo decorrente do gelo flutuante durante os períodos em que é transitável.

A área coberta de gelo está a diminuir consideravelmente, ao ponto de atualmente o Ártico constituir uma oportunidade para novas rotas marítimas que permitem encurtar significativamente distâncias e reduzir custos, assim como para explorar os recursos existentes que, ficarão mais acessíveis.

3. As estratégias para o Ártico

Para uma percepção das políticas e interesses nacionais dos atores principais na região ártica, considera-se fundamental identificar as diferentes estratégias que pretendem utilizar para salvaguardar os seus interesses, bem como a sua posição nesta região. Assim, neste

capítulo serão descritas as estratégias dos cinco ECA. Não sendo, a sequência de análise particularmente relevante para o desenvolvimento do raciocínio, optou-se por abordar as estratégias sequencialmente por ordem alfabética dos nomes dos países.

3.1. Estratégia do Canadá

A estratégia do Canadá para o Ártico encontra-se definida no *Canada's Northern Strategy: our heritage, our future* (Canada, Canada's Northern Strategy: our North, our Heritage, our Future, 2009) e no *Statement on Canada's Arctic foreign policy* (Canada, Statement on Canada's Arctic foreign policy, 2010).

A estratégia integrada para o Grande Norte⁴ do Canadá assenta em quatro objetivos:

- Exercer a soberania no Ártico;
- Promover o desenvolvimento económico e social;
- Proteger a herança ambiental;
- Melhorar e devolver a governança da região.

O Canadá considera a região ártica central para a identidade nacional e de interesse vital, realçando os seus direitos de soberania. A política para o Grande Norte é baseada na cooperação com os povos indígenas⁵ e na relevância do seu legado que assume um papel fundamental na história e cultura. O governo canadiano quer afirmar uma forte presença no Ártico, garantindo capacidade para proteger e patrulhar a região por terra, mar e ar, empregando meios militares e investindo em novas capacidades (Canada, Canada's Northern Strategy: our North, our Heritage, our Future, 2009).

Como forma de promover o fortalecimento da atividade económica, o governo pretende investir no desenvolvimento de infraestruturas consideradas críticas e no bem-estar das comunidades. Nesse sentido, tem efetuado esforços no fortalecimento do empenhamento regional para a identificação de oportunidades comerciais inovadoras, orientadas para aumentar a autossuficiência das comunidades locais e ajudar a posicionar o Canadá como líder global em ciência e pesquisa no Ártico (GOC, 2017).

No âmbito da proteção ambiental e preservação de recursos, insere nas suas prioridades ser líder global no conhecimento do Ártico e proteger as suas terras e águas. Efetuando uma abordagem abrangente para proteger o ambiente, tem investido na construção e expansão de parques naturais, em sistemas de resposta à poluição marítima e limpeza e reparação de áreas industriais reduzindo o seu impacto ambiental⁶ (Quinn, 2017).

No último objetivo da estratégia definida, o Canadá pretende alterar o modelo de governança da região, materializado na transferência de competências de gestão do governo central para os governos territoriais. O primeiro-ministro, Justin Trudeau, comprometeu-se na Declaração

⁴ Conhecido por Canadá Ártico (abrange as terras localizadas a norte do paralelo 60° N, o Arquipélago Ártico e os Territórios do Noroeste, Yukon e Nunavut).

⁵ Inuit e Métis, povos ancestrais do Canadá, também designados por Primeiras Nações.

⁶ O primeiro ministro *Trudeau* em 2016 anunciou um investimento de 1,5 mil milhões de dólares para proteção ambiental no Ártico e em agosto de 2017 o ministro dos transportes, *Garneau*, anunciou 175 milhões de dólares para a proteção e segurança das águas do Norte.

conjunta *United States-Canada Joint Arctic Leaders' Statement* a desenvolver uma nova política para o Ártico, com os governos territoriais e províncias do Norte e com o envolvimento dos povos *Inuit* e *Métis*, pretendendo a curto prazo alterar a estratégia de 2009 (GOC, 2017).

3.2. Estratégia da Dinamarca

A estratégia da Dinamarca⁷, *Denmark, Greenland and Faroe Islands: Kingdom of Denmark Strategy for the Arctic 2011-2020*, visa reforçar o seu estatuto no Ártico e assenta em quatro objetivos (Dinamarca, 2011):

- Contribuir para um Ártico pacífico e seguro;
- Assegurar o crescimento autossustentável no Ártico;
- Respeitar o ambiente e a natureza da região;
- Reforçar a cooperação com os parceiros internacionais.

Acredita assim, que o direito internacional, nomeadamente a Convenção das Nações Unidas Sobre o Direito do Mar (CNUDM) e os *fora* de cooperação fornecem uma base sólida para a resolução dos conflitos e cooperação construtiva de desenvolvimento no Ártico, tendo intenção de resolver por via negociada as disputas existentes, não enjeitando, no entanto, o emprego das Forças Armadas (FFAA) como instrumento de soberania e proteção dos interesses (Dinamarca, 2011).

Pretende assegurar um crescimento autossustentável, protegendo e promovendo a gestão dos recursos vivos das águas, reforçando a cooperação científica com centros de investigação e atraindo investidores para a edificação de novas indústrias de pesca, minério e turismo, de forma a conseguir um impacto positivo nas populações e economia da região.

A Dinamarca, em respeito pelo meio ambiente, aposta no aprofundamento do conhecimento das consequências das alterações climáticas e os impactos na região, com base na informação científica (Dinamarca, 2011).

Por último, pretende um aprofundamento das relações de cooperação, dando prioridade à cooperação com o Concelho do Ártico (CA)⁸, com a União Europeia e com os ECA.

3.3. Estratégia dos Estados Unidos da América

A estratégia dos EUA, *National Strategy for the Arctic Region* (EUA, 2013), foi complementada pelo Relatório para o Congresso sobre a estratégia para o Ártico do Departamento de Defesa, *Report to Congress on Strategy to Protect United States National Security Interests in the Arctic Region* (DoD, 2016), mantendo os principais objetivos definidos inalterados:

- Garantir a segurança e defesa na região;
- Assegurar a liberdade de navegação no Ártico;
- Apoiar as Organizações Internacionais que promovem a cooperação regional;

⁷ Constitui-se numa comunidade de nações, a Dinamarca, as Ilhas Faroé e a Gronelândia.

⁸ O Concelho do Ártico é o *forum* intergovernamental para promoção da cooperação, coordenação e interação entre os Estados do Ártico (Canadá, Dinamarca, EUA, Finlândia, Islândia, Noruega, Rússia e Suécia), comunidades indígenas do Ártico e outros habitantes desta área, em assuntos de interesse comum e em particular em matérias relativas ao desenvolvimento sustentado e à proteção ambiental.

- Fomentar a proteção ambiental e preservação de recursos;
- Liderar a pesquisa científica na região;
- Envolver as comunidades da região no processo de decisão.

A estratégia dos EUA para o Ártico considera o exercício da soberania e a segurança nacional de uma maneira particular, onde inclui medidas militares, ambientais e de política energética, pretendendo aumentar a capacidade de se proteger por terra, mar e ar, preservando a liberdade de navegação e a mobilidade das aeronaves na região, investindo na defesa antimíssil e sistemas de alerta (DoD, 2016, p. 3). O desenvolvimento da exploração dos recursos de petróleo e gás, recursos minerais e garantia de livre comércio tem elevada prioridade para os EUA. Assumindo que a cooperação deve basear-se nas instituições internacionais e no direito internacional, mostra intenção de trabalhar para uma futura adesão à CNUDM e utilizar o CA para a defesa dos seus interesses. Para continuarem na vanguarda da pesquisa no Ártico, estão empenhados na cooperação científica internacional, fomentando as pesquisas na região para preservar e conservar o meio ambiente e no desenvolvimento de políticas coordenadas com a população indígena, envolvendo-a nas decisões que a afetam (EUA, 2013).

3.4. Estratégia da Noruega

O Ártico e seu desenvolvimento económico são prioridade para a política externa norueguesa. A estratégia da Noruega, *Norway's Arctic Strategy* (Noruega, 2017), é a mais recente estratégia publicada e identifica cinco áreas prioritárias:

- Cooperação internacional;
- Desenvolvimento dos negócios;
- Desenvolvimento do conhecimento sobre a região;
- Incremento de infraestruturas;
- Proteção ambiental e preparação para emergências.

O governo norueguês considera importante que o Ártico permaneça uma região pacífica, estável e previsível, baseado na cooperação internacional e no respeito pelo direito internacional, considerando o CA o órgão intergovernamental mais importante para a cooperação em questões da região, relacionados com as mudanças climáticas, o meio ambiente, a gestão de recursos, a segurança marítima e os desafios transfronteiriços (Noruega, 2017).

Considera, ainda, prioritário o diálogo político e a cooperação com a Rússia em áreas de interesse comum, incluindo a gestão das pescas, busca e salvamento, segurança nuclear, controle de fronteiras e notificação e resposta a incidentes no mar; continuar a exercer autoridade e soberania nas áreas do mar do Norte de forma previsível, consistente e inequívoca; implementar medidas para fortalecer a capacidade de defesa da Noruega e aumentar a capacidade das FFAA para realizar operações conjuntas com forças aliadas, realizando exercícios e programas de treino mais frequentes (Noruega, 2017).

A posição do governo é que toda atividade comercial e desenvolvimento de negócios no Ártico deverá ser económica, social e ambientalmente sustentável, aumentando a criação de

valor por empresas do Norte com base nos recursos da região e promovendo a cooperação entre a academia e o setor empresarial para a realização dos objetivos da política comercial da região.

Pretendendo manter-se na vanguarda do desenvolvimento do conhecimento da região, melhorando o acesso de conhecimentos especializados para aumentar a capacidade de inovação e criação de valor no setor empresarial do Norte, irá estabelecer um centro de especialização em questões oceânicas e árticas em Tromsø (Noruega, 2017).

O governo norueguês pretende, ainda, desenvolver um sistema de transporte eficiente e seguro, que contribua para a transição para uma sociedade de baixas emissões, pelo que com o Plano Nacional de Transporte 2018-2029 dará prioridade a um número de projetos de investimento em grande escala no Norte⁹, reduzindo os impactos ambientais e climáticos do tráfego de *ferry* e do transporte rodoviário.

Na proteção ambiental, o governo pretende a salvaguarda das espécies ameaçadas, garantir o uso sustentável e a conservação de uma seleção representativa da natureza norueguesa cobrindo toda a gama de *habitats* e ecossistemas, reduzir as emissões de gases de efeito estufa e a poluição, de acordo com metas nacionais e compromissos internacionais e fortalecer a preparação e a resposta ante emergências relacionadas com o aumento da atividade no Ártico (Noruega, 2017).

3.5. Estratégia da Rússia

A Federação russa publicou em 2009, a sua estratégia para o Ártico, *The fundamentals of state policy of the Russian Federation in the Arctic for the period up to 2020 and beyond*, onde destacava dois pontos principais, o estabelecimento da Rússia como principal país do Ártico e o desenvolvimento do potencial do ártico russo (Russia, 2009). Os recentes documentos de estratégia russa, *The development strategy of the Arctic zone of the Russian Federation and national security for the period up to 2020* (Russia, 2013) e o *Foreign Policy Concept of the Russian Federation* (Russia, 2016), que o vieram substituir, com o objetivo de implementar os interesses da Federação Russa na região, estabeleceram como prioridades:

- Desenvolvimento socioeconómico da região;
- Desenvolvimento da ciência e tecnologia;
- Implementação de modernas infraestruturas de informação e telecomunicações;
- Segurança ambiental;
- Cooperação internacional;
- Segurança militar e proteção das fronteiras.

A Federação Russa tem importantes interesses económicos, sociais, ambientais e militares na região do Ártico. Para tal, prevê a implementação de várias medidas que incluem o acesso, exploração e desenvolvimento de recursos naturais, especialmente hidrocarbonetos, minerais e pescas; a modernização e desenvolvimento de infraestruturas, incluindo ferroviárias,

⁹ Para este plano o governo norueguês alocou 40 mil milhões de coroas.

fluviais, costeiras e aeroportos e a melhoria do bem-estar e qualidade de vida das comunidades indígenas (Russia, 2013).

No campo científico e tecnológico, destaca-se o desenvolvimento de projetos de pesquisa, incluindo internacionais, na área dos sistemas de informação geográfica, gestão do tráfego, detecção remota de levantamentos de gelo marinho, bem como o sistema de apoio hidrometeorológico e hidrográfico (Russia, 2016).

A estratégia sublinha a modernização e desenvolvimento de infraestruturas, tendo o governo russo investido na edificação de infraestruturas marítimas e implementação de um sistema fiável de navegação e monitorização das atividades na região, incluindo cobertura das condições de gelo, previsão e prevenção de problemas ambientais e de catástrofes (Schulze, 2017).

A Rússia também está interessada em abrir a RNE, como principal via, para o tráfego comercial internacional e desenvolver rotas aéreas circumpolares, considerando-as significativas para a região, prevendo o desenvolvimento de um sistema integrado de controlo da navegação e o reforço da frota de navios quebra-gelos¹⁰, bem como o reforço de patrulhas de guarda costeira e de fronteiras (Russia, 2016).

A intensificação da cooperação russa com os países do Ártico e organizações internacionais, incluindo o CA, os ECA e o Conselho Euro-Ártico de Barents é uma das prioridades estratégicas da Rússia, como forma de combater quaisquer tentativas de introduzir elementos de confrontação política ou militar no Ártico (Russia, 2016, p. 15).

3.6. Síntese Conclusiva

Da análise efetuada conclui-se que as estratégias nacionais para o Ártico, tendo em vista a salvaguarda dos interesses de cada país na região, definem as áreas prioritárias e confirmam uma maioria de interesses em comum.

Tendo a soberania e a segurança como objetivo primário, as estratégias referem-se na maioria ao desenvolvimento económico, cooperação científica, preservação do meio ambiente, exploração sustentável dos recursos e integração dos povos da região como prioridades.

Sendo uma região alvo de disputas, como veremos no capítulo seguinte, todas as estratégias dão ênfase à cooperação internacional, procurando soluções negociadas preferencialmente de acordo com a CNUDM e envolvendo o CA como principal *fórum* de discussão.

4. As disputas e o fator militar

Neste capítulo abordar-se-ão as disputas entre os ECA e os dispositivos militares em presença.

4.1. As fronteiras marítimas

O Canadá mantém um diferendo com os EUA no Mar de Beaufort, Figura 6, com origem em 1977, num processo de reivindicação de áreas de pesca por ambos os países (Jacinto, 2014).

¹⁰ Está previsto a entrega em 2019 do um quebra-gelo nuclear LK-60 “*Arktika*” e outro em 2020 (Barents Observer, 2016).

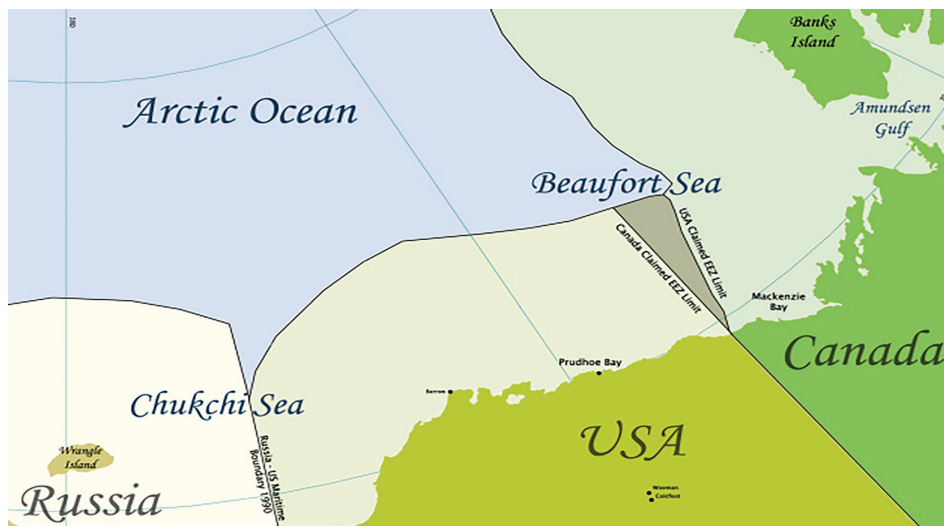


Figura 6 - Área disputada no Mar de Beaufort

Fonte: ArcticEcon (2011).

A Rússia manteve uma disputa com a Noruega no “Loop Hole”, Figura 7, resolvida em 2011 (Bentzen e Hall, 2017). Mantém ainda um diferendo a Este da Bacia Ocidental do Nansen, que vem sendo motivo de conversações bilaterais.

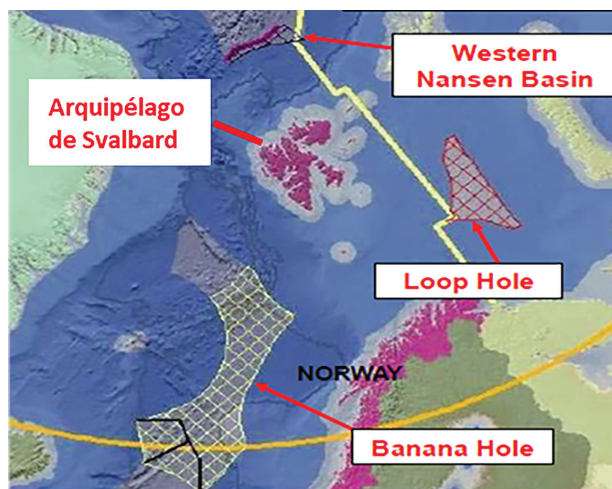


Figura 7 – Áreas disputadas pela Noruega

Fonte: Pay (2009).

A Noruega mantém uma disputa com vários Estados, incluindo, entre outros, o Reino Unido, a França e a Rússia, no Arquipélago de Svalbard.

Este arquipélago foi entregue à administração norueguesa pelo tratado de Svalbard de 1920, subscrito por vários países, que estabelece que os recursos do mar territorial poderiam

ser explorados pelos cidadãos dos países subscritores. O atual diferendo deriva desses países entenderem que o tratado se aplica à ZEE e à PC, o que lhes daria direito à exploração dessas áreas, mas a Noruega defende que o tratado deve ser entendido na sua forma original referente unicamente ao mar territorial (Churchil e Ulfstein, 2012).

A Noruega, a Islândia e a Dinamarca mantêm um diferendo no “*Banana Hole*”, que foi resolvido em grande parte, resumindo-se atualmente a um pequeno espaço (Leal, 2012, p. 343).

A Noruega e Dinamarca mantêm em aberto o limite das ZEE entre a Gronelândia e Jan Mayen, que foi submetido ao Tribunal Internacional de Justiça. Este último propôs uma solução (ICJ, 1993), que a Noruega não aceitou.

Na fronteira marítima entre o Canadá e a Dinamarca situa-se a Ilha de Hans. Sobre esta ilha desabitada, localizada no Estreito de Nares, no Canal Kennedy, em cima da linha de fronteira acordada desde 1973, Figura 8, permanece ainda uma disputa não estando decidido a quem pertence.



Figura 8 – Fronteira Canadá-Dinamarca

Fonte: Kristiansen (2013).

4.2. Extensão da Plataforma Continental

Nas ZEE, como visto, não existem grandes conflitos e “nenhuma das disputas fronteiriças aparenta pôr em causa a estabilidade global” (Leal, 2012, p. 327). Outro caso de análise é a área central, fora das ZEE, que pode ser requerida, através dos mecanismos da CNUDM para a Extensão das Plataformas Continentais (EPC).

Sustentados no art.º 57º da CNUDM os Estados podem prolongar a ZEE até às 200 milhas¹¹ náuticas (MN), onde detêm direito exclusivo à exploração dos recursos vivos e não vivos, do solo, subsolo e coluna de água.

Por seu lado, a PC, de acordo com o art.º 76º compreende o solo e subsolo marinho e estende-se no prolongamento natural do território terrestre, até ao bordo exterior da margem continental, ou até uma distância de 200 MN, se o bordo exterior ficar aquém dessa distância. A CNUDM, permite ainda que, se o prolongamento natural do território exceder as 200 MN os estados possam requerer a EPC até ao final desse prolongamento, com limite máximo nas 350 MN ou uma distância que não exceda as 100 MN para além da isóbata¹² dos 2.500 metros (ONU, 1982).

A Figura 9 mostra os limites da ZEE e a área interior, que pode ser requerida como EPC, se for provado que é o prolongamento natural do território.

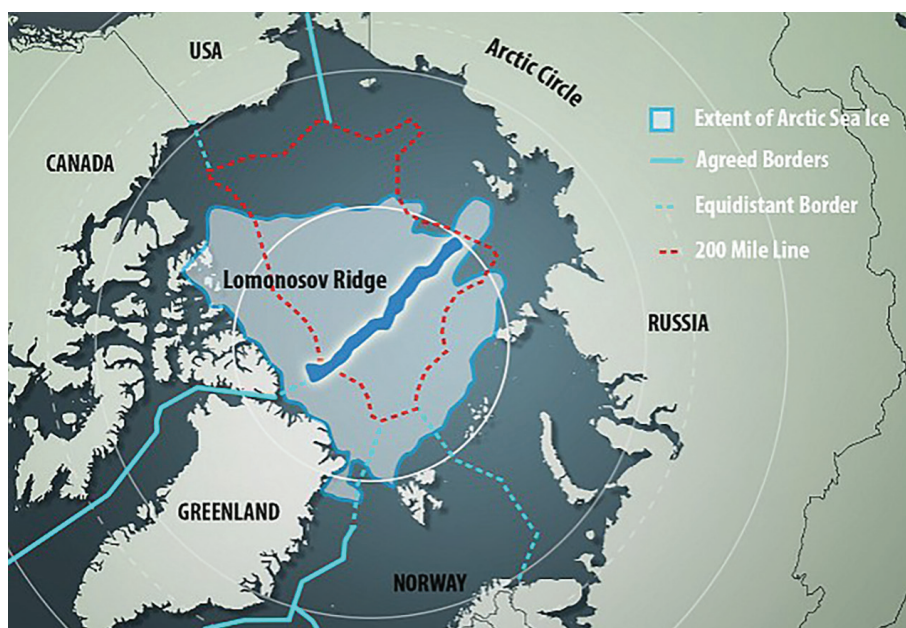


Figura 9- Cordilheira Lomonosov

Fonte: Macfarlan (2014).

Assim, a Rússia submeteu um pedido de EPC em 2001 posteriormente devolvido para melhor sustentação e novamente submetido em 2015, baseado na presunção que a Cordilheira Lomonosov é o prolongamento do seu território, entendimento que é contestado pela Dinamarca e Canadá.

Na Figura 10 pode observar-se melhor a sobreposição da área reclamada pela Rússia, pela Dinamarca em 2013 e 2014, e também a área que se prevê o Canadá requerer em 2018.

¹¹ Corresponde a uma distância de 1852 metros.

¹² Linha que une os pontos com a mesma profundidade.

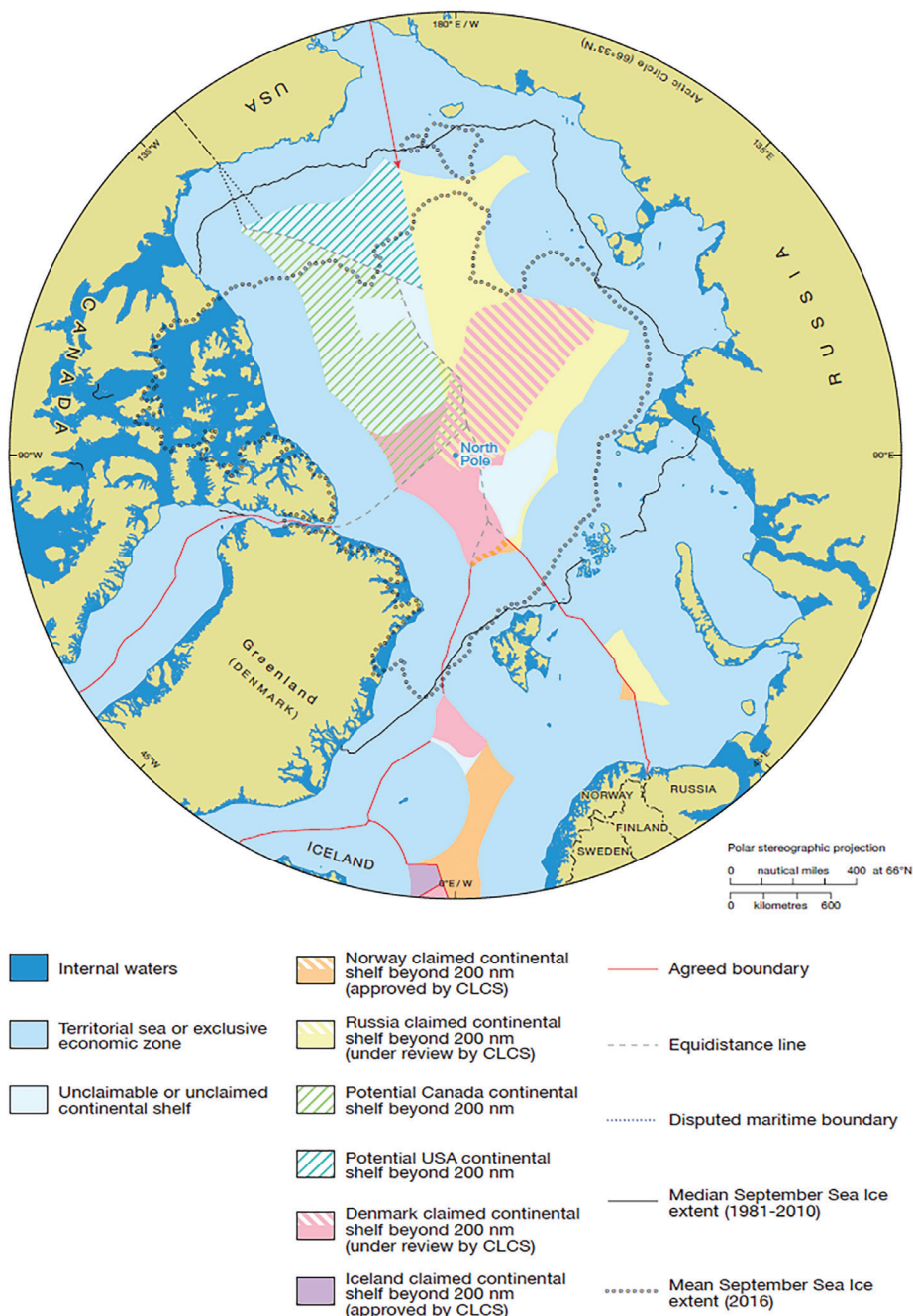


Figura 10 – Sobreposição de áreas reclamadas

Fonte: Duhran University (2018).

Com as sobreposições, o processo de EPC é mais complexo, no entanto esta disputa será provavelmente resolvida dentro das regras da CNUDM (Guedes, 2018; Leal, 2018).

4.3. O controlo das Rotas

Na Figura 11 identifica-se o EB, a RNO que passa pelo Arquipélago Ártico e a RNE na costa russa.



Figura 11 – As rotas

Fonte: Reynolds (2005).

No EB, a Rússia e os EUA assinaram um acordo de fronteira, em 1990, que não foi ratificado no parlamento Russo, pois entendeu-se que o país foi prejudicado (Kaczynski, 2007), o que mantém a questão latente, mas fora da ordem do dia.

A RNO atravessa o Arquipélago Ártico, pelo que o Canadá entende que a passagem se realiza em águas interiores, o que permitiria regular unilateralmente a navegação e para reforço desta ideia declarou uma linha em volta do arquipélago, conforme Figura 12. Essa linha não foi reconhecida e diversos países incluindo os EUA, argumentam que a passagem tem o estatuto de Estreito Internacional, onde a navegação não pode ser regulada unilateralmente pelo estado costeiro (Leal, 2012).



Figura 12 - Linha de Base

Fonte: Cros (2018).

Também a Rússia considera que a RNE, Figura 14, ao cruzar Estreitos entre os Mares da Sibéria, de Leptev, de Kara e de Barents, deve ser sujeita ao regime das águas interiores (Leal, 2012, p. 328).

Em suma, no controlo das rotas e na fronteira no EB também se encontram diferendos que, no entanto, não se afiguram fontes sérias de conflito.

4.4. O Fator militar

Os EUA são a maior potência militar, sustentada num investimento em defesa cimeiro, conforme Figura 13, com valores em milhares de milhões de dólares.

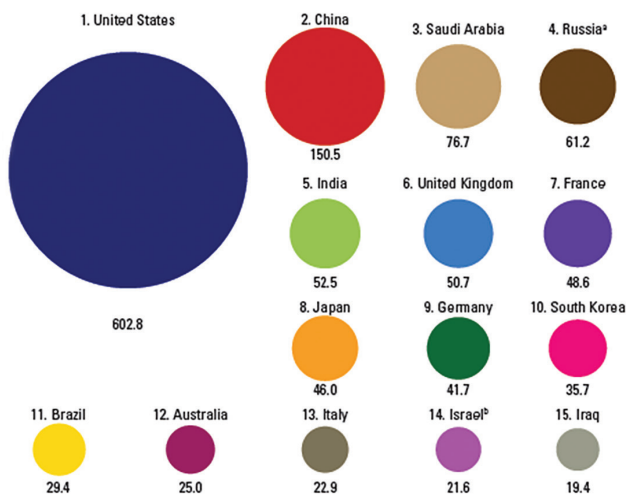


Figura 13 - Os maiores orçamentos em Defesa, 2017

Fonte: IISS (2018).

Na comparação do número de militares e militarizados, no Quadro 1, identifica-se, um desequilíbrio entre os EUA e a Rússia e os restantes ECA. Percebe-se ainda uma significativa vantagem da Rússia no número de pessoal, uma vez contabilizados os paramilitares e os dois milhões de reservistas. Percebe-se também a vantagem no investimento em defesa por parte dos EUA, dez vezes superior ao valor gasto pela Rússia.

Quadro 1 - Pessoal militar, paramilitar, reservistas, orçamento e população

	EUA	RÚSSIA	CANADÁ	NORUEGA	DINAMARCA
MARINHA	323950	150000	8300	4300	2000
EXÉRCITO	476250	280000	34800	9350	8200
F. AÉREA	322800	165000	19900	3600	2700
MARINES	184400				
PARAQUEDISTAS		45000			
OPERAÇÕES ESPECIAIS		1000			
FORÇA CAMINHO DE FERRO		29000			
FORÇA MISSEIS ESTRAT.		50000			
COMANDO E APOIO		180000		6150	3200
RESERVA	857950	2000000	30000	38590	45700
GUARDA COSTEIRA	41000		4500		
HOME GUARD				550	
PARAMILITARES		554000			
TOTAL	2206350	3454000	97500	62540	61800
ORÇAMENTO DEFESA*	602,8	61,2	17	6	3,81
ORÇAMENTO DEFESA % PIB	3,1	4,16	1,03	1,53	1,17
POPULAÇÃO (MILHÕES)	324	142	35	5,3	5,6
* Milhares de milhões de dólares e valores de 2017					

Fonte: Adaptado de IISS (2018).

Ao analisar os ECA, um aspeto a salientar é o alinhamento na política de segurança, onde quatro países são membros NATO, encontrando-se neste âmbito a Rússia isolada. Este facto tende a moderar pretensões russas junto dos outros estados individualmente, nomeadamente nos diferendos com a Noruega e Canadá na EPC, mas também reduz os efeitos dos diferendos entre Aliados. Um exemplo é o acordo celebrado em 1998 entre o Canadá e os EUA para cooperação no Ártico, em que os EUA aceitaram solicitar autorização para os seus Quebragelos cruzarem o Arquipélago Ártico (GOC, 1998), apesar de continuarem sem reconhecer aquela zona como águas interiores. Este acordo garante uma relação especial e facilidades de acesso aos meios americanos e não desrespeita as posições do Canadá, o que poderia abrir um precedente para outros países fazerem o mesmo, nomeadamente a Rússia, o que não é do interesse dos Aliados (Leal, 2012).

Passemos agora aos dispositivos militares direcionados para o Ártico, olhando inicialmente para as instalações militares na Figura 14, que embora não reflita a relevância relativa, revela um desequilíbrio numérico a favor da Rússia.

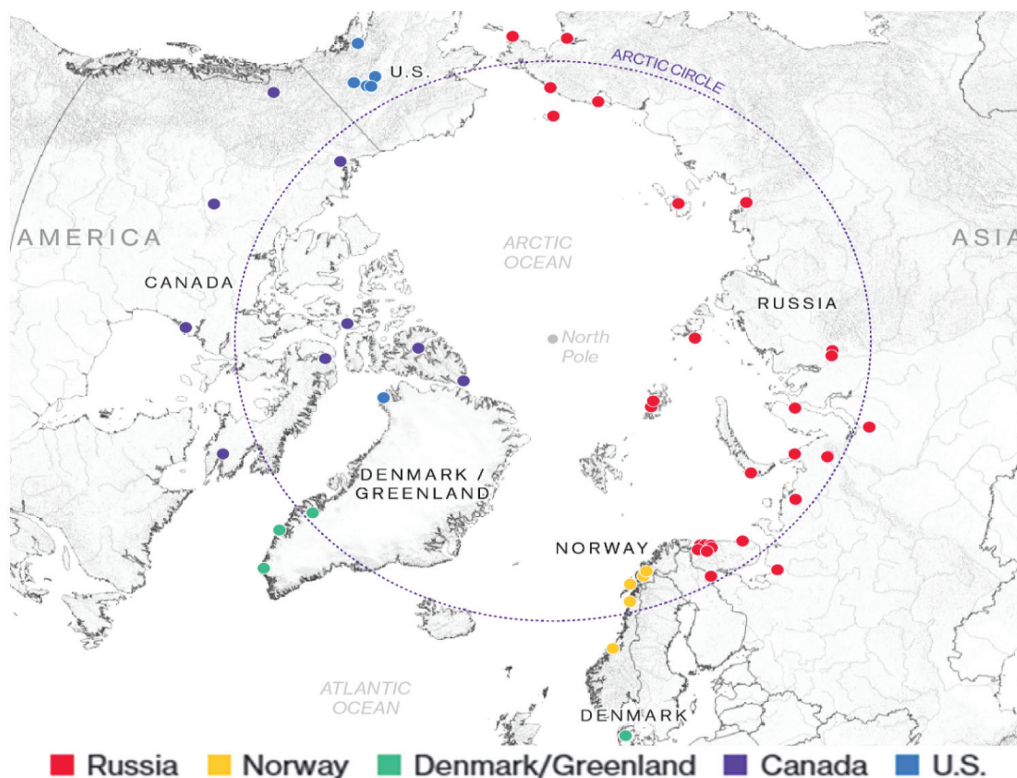


Figura 14 - Instalações militares

Fonte: Roston e Migliozi (2017).

A Rússia tem as principais instalações militares do Ártico na Base Naval de Severomorsk, Murmansk, onde está a Esquadra do Norte, Figura 15.



Figura 15 - Comandos militares russos

Fonte: IISS (2018).

O Comando desta Esquadra está em processo de ascensão a *Joint Strategic Command North*, passando para o nível de comando estratégico (IISS, 2017).

As outras principais instalações militares estão no arquipélago de Novaya Zemlya, e nas Ilhas de Kotelny e Alexandra Land. A base mais relevante é Novaya Zemlya que dispõe de um regimento de mísseis superfície-ar, com cobertura de 300 Km, e as outras duas ilhas dispõem de unidades menores, com capacidades antiaéreas e anti-navio. Em 2016 previa-se a criação de uma brigada mecanizada na Península Yamal e o Ministro da Defesa manifestou intenções de criar uma Divisão de Defesa Costeira na Península de Chukotka, no EB, em 2018. As restantes bases dispõem de guarnições pequenas especialmente dedicadas à vigilância (IISS, 2017).

Segundo Marshal (2017, p.231) estão a ser edificadas, em Murmansk, duas Brigadas de Infantaria Mecanizada com 6000 homens.

Para operações no Ártico é fundamental o apoio de Quebra-gelos e neste domínio, como podemos ver no Quadro 2, a Rússia é o país melhor preparado.

Quadro 2 – Os principais operadores de Quebra-gelos

	Total (+em construção + planeados)	Propriedade do Estado ou operados pelo Estado			Propriedade de privados ou operados por privados		
		Mais de 45 000 BHP ¹³	20 000 aos 44 999 BHP	10 000 aos 19 999 BHP	Mais de 45 000 BHP	20 000 aos 44 999 BHP	10 000 aos 19 999 BHP
Rússia	46 (+11 +1)	6	16	7		9	8
Finlândia	10		7	1			2
Canadá	7 (+2 +5)		2	5			
Suécia	7 (+0 +3)		4				3
EUA	5 (+0 +3)	2	1			1	1
Dinamarca	4						4
China	3 (+1 +0)			3			
Estónia	2			2			
Noruega	1 (+1 +0)			1			

Fonte: Adaptado de O' Rourke (2017).

Na estrutura de comando dos EUA, Figura 16, as operações no Ártico são conduzidas pelo *North Command* (USNORTHCOM) e pelo *European Command* (USEUCOM).



Figura 16 – Comandos regionais dos EUA

Fonte: USDOD (2018).

¹³ BHP – Brake Horse Power é uma unidade de potência medida à saída do motor, sem as perdas de potência induzidas pelos restantes componentes do sistema propulsor.

No Alasca, os EUA dispõem de nove instalações militares, três da Força Aérea (FA), três do Exército e três da Guarda-costeira (USCG). A principal base é a Base de Elmendorf-Richardson, em Anchorage, Figura 17, congrega, uma base da FA e outra do Exército e aloja diversos comandos entre os quais o Comando do Alasca (subordinado ao NORTHCOM), e a 11ª FA, sob comando do *Pacific Command*, mas com a tarefa de defesa do Alasca, sob comando do NORTHCOM. Existem ainda as bases de Fort Wainwright e Fort Greely do Exército, Eielson da FA e as Instalações de Clear, para detecção de mísseis balísticos. A USCG tem instalações em Kodiak, Valdez e Juneau (Regehr e Jackett, 2017).



Figura 17 – Alasca

Fonte: Worldatlas (2018d).

Globalmente, os EUA dispõem no Alasca de 22000 militares e 4700 reservistas (Alaskan Command, 2018).

O Canadá tem como principal instalação vocacionada para o Ártico a Base Yellowknife, Figura 18, sede da *Joint Taskforce North* (JTFN), do 1º *Canadian Ranger Patrol Group* (CRPG1), do 440º Esquadrão de Transportes, e de um Destacamento de Reserva do Exército com 100 militares (GOC, 2018a). Dispõe ainda de um destacamento em Whitehorse, no Yukon, e tem em construção uma Base Naval na Ilha de Baffin (Regehr e Jackett, 2017).



Figura 18 - Canadá

Fonte: Worldatlas (2018c).

O CRPG1 dispõe de 1750 *Rangers* para atividades de patrulha e o 440.º Esquadrão de Transportes cumpre tarefas de transporte aéreo e apoio (GOC, 2018a).

Na presença militar no Ártico são especialmente relevantes os F-18 canadenses, estacionados a Sul mas que operam regularmente na região e os Quebra-gelos, operados pela Guarda Costeira (GOC, 2018b).

Na marinha canadense, cuja principal base é em Halifax, destacam-se 12 fragatas e quatro submarinos (IISS, 2018).

O Exército encontra-se a preparar um batalhão de 500 militares e quatro companhias de reservistas para operações no Ártico, prevendo aumentar o número de *Rangers* no Norte para 1900 e o Destacamento de Reserva de Yellowknife para 200 (Regehr e Jackett, 2017).

A Noruega tem o Quartel-general das suas FFAA em Bodo, no Ártico, onde se situa o maior aeroporto militar do país e estão baseados os seus F-16 (NAF, 2018a).

As principais instalações militares no Ártico, todas a norte de Bodo, Figura 19, são próximas de Harstad e incluem uma Base Naval em Harstad, um esquadrão da Guarda Costeira em Sortland, um regimento do Exército em Evenes, um Batalhão Blindado e um Batalhão de Artilharia em Setermoen, um Esquadrão de Caçadores em Porsanger, uma unidade de guardas da fronteira russa em Sor-Varanger/Kirkenes e a principal base de helicópteros militares em Bardufoss.



Figura 19 – Noruega

Fonte: Worldatlas (2018a).

A Brigada Mecanizada Pesada “Nord” em Tromsø é a maior unidade operacional da Noruega (Regehr e Jackett, 2017).

Na Marinha destacam-se cinco fragatas, seis patrulhas lança-mísseis e seis submarinos cuja base principal se situa em Bergen (NAF, 2018b).

A “Home Guard” tem 550 pessoas no ativo e 45000 reservistas, sendo um serviço separado, organizado por distritos que pode ser mobilizado com elevada prontidão. O Distrito de Finnmark, no Ártico, pode, em pouco tempo, gerar e projetar um efetivo de 3000 elementos (Regehr e Jackett, 2017).

A Dinamarca tem os seus meios mais a Norte baseados na Gronelândia e nas Ilhas Faroé. O Comando Conjunto do Ártico é sediado em Nuuk, Figura 20, coordena a atividade das unidades empenhadas no Ártico e tem um subcomando nas Ilhas Faroé (DD, 2017).



Figura 20 – Gronelândia

Fonte: Worldatlas (2018b).

A Gronelândia dispõe de quatro destacamentos militares e de duas bases Aéreas, a Base de Thule e a de Kangerlussuaq, de onde podem operar os F-16 dinamarqueses. A Gronelândia dispõe ainda de um grupo de tropas especiais tipo “Navy-Seal” de 130 militares preparados para o Ártico e na Dinamarca encontra-se sediado o destacamento *Jaeger* de forças especiais, com 200 elementos que operam no Ártico (Regehr e Jackett, 2017).

Na marinha destacam-se três fragatas e dois navios de comando, baseados em Korsoer (DD, 2016).

4.5. Síntese conclusiva

As disputas entre os ECA têm sido dirimidas com recurso à diplomacia e aos mecanismos da CNUDM. Alguns diferendos continuam por resolver, como na Ilha de Hans, no Mar de Beaufort, no EB e na Bacia do Nansen, mas têm sido geridos diplomaticamente.

Nos pedidos de EPC admite-se que as sobreposições das áreas solicitadas abram um novo *fórum* de conflito, não obstante, acredita-se que será seguida a vertente diplomática na sua resolução.

Militarmente os países procuram capacitar-se para a região, com destaque para a Rússia, Canadá e Noruega, mas esse esforço aparenta configurar mais uma preocupação de defesa do que de projeção de força.

Conclusões

O tema deste estudo relaciona-se com a necessidade de compreender os fatores que atualmente potenciam alterações na geopolítica do Ártico, sob os aspetos físico, militar, de transporte marítimo internacional e exploração dos recursos naturais, e o seu eventual impacto na segurança regional e internacional.

Ao longo deste trabalho tivemos oportunidade de perceber que o aquecimento global tem vindo a alterar a região do Ártico. O degelo e os avanços tecnológicos trouxeram a possibilidade de exploração de recursos até agora inacessíveis, facto que valorizou economicamente a região. Paralelamente, facilitou os acessos, potenciou o uso mais prolongado das RNO e RNE e aumentou o valor potencial de zonas costeiras outrora sem navegação comercial.

Quer o acesso mais facilitado aos recursos, quer o potencial controlo de novas rotas, despertaram o interesse dos ECA na defesa dos seus direitos soberanos, os quais procuram fazer valer através de interpretações favoráveis da lei internacional, em processos de disputa, de cariz político-diplomático.

Verificou-se que as estratégias nacionais para o Ártico, tendo em vista a salvaguarda dos interesses de cada país na região, confirmam uma maioria de interesses em comum. Todas as estratégias dão ênfase à cooperação internacional, procurando soluções negociadas preferencialmente de acordo com a CNUDM e envolvendo o CA como principal *fórum* de discussão. Assim, nos conflitos identificados, em especial na gestão das fronteiras das ZEE, têm-se vindo paulatinamente a encontrar soluções diplomáticas no quadro da CNUDM e através de mecanismos bilaterais ou multilaterais, nomeadamente através do diálogo no CA. Alguns conflitos que perduram, entre os quais o da Ilha de Hans, a ZEE entre a Gronelândia e Jan Mayen, o Mar de Beaufort, o EB, a Bacia do Nansen e o diferendo sobre o estatuto dos canais do Arquipélago Ártico na RNO, não têm sido foco de instabilidade e prevê-se a sua resolução futura no âmbito da ação diplomática e na manutenção do *status quo*.

Como novos motivos de conflito, identificam-se os pedidos de EPC, pela sobreposição das áreas já requeridas pela Dinamarca e pela Rússia e a requerer pelo Canadá, contudo, também nesta questão, de maior complexidade, parece identificar-se uma abordagem cautelosa, no quadro da CNUDM e dos seus mecanismos de resolução de conflitos. Entende-se, pois, que em processos mais ou menos complexos e prolongados se atinjam soluções negociadas, aceitáveis para as partes.

Nas forças militares em presença identificaram-se grandes disparidades entre EUA e Rússia por um lado e os restantes ECA por outro. Relativamente ao equilíbrio de força, o facto de quatro ECA pertencerem à NATO facilita a gestão dos diferendos entre os Aliados e também serve de fator de equilíbrio e dissuasão à Rússia relativamente a eventuais movimentos de condicionamento dos países mais pequenos, o que se afigura ser um fator de contenção.

Militarmente, identificou-se que a Rússia tem maior presença no Ártico, reforçada por possuir metade da população local, que, no entanto, se encontra a decrescer, mas também alicerçada no número de instalações militares e na preparação para operar meios navais, com uma grande vantagem de Quebra-gelos. Por seu lado, os EUA têm vantagem no

orçamento militar e na capacidade de projeção e podem ultrapassar de forma rápida um maior distanciamento desta área e ocupar o espaço, se necessário. Ainda no campo militar, afigura-se que os dispositivos na região são sobretudo defensivos, de ocupação de território, não configurando uma vertente de projeção ou de ocupação de novos espaços.

Globalmente e em conclusão entende-se que a linhas de ação política dos ECA no Ártico tem sido pautada pela procura de resolução pacífica dos conflitos, através de diplomacia e da contenção, e na pior das hipóteses, pela manutenção do *status quo*. Esta atuação não é posta em causa por um dispositivo militar que procura ganhar capacidade para operar na região, mas que aparenta ser essencialmente defensivo.

Do exposto, e em resposta à Questão Central da investigação, considera-se que não é previsível que, da atual situação no Ártico e da sua evolução a curto ou médio prazo possa resultar um foco de instabilidade regional ou um motivo de preocupação para a segurança internacional.

Referências bibliográficas

- Alaskan Command, 2018. *Joint Base Elmendorf-Richardson*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.jber.jb.mil/Units/Alaskan-Command/>> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- ArcticEcon, 2011. *Beaufort Sea Dispute*. [Em linha] Disponível em: <<https://arcticecon.wordpress.com/?s=beaufort>> [Consult. em 12 fevereiro 2018].
- ArcticEcon, 2012. *A Future of Arctic Transit – Arctic Sea Ice Record Low Extent*. [Em linha] Disponível em: <<https://arcticecon.wordpress.com/?s=transit>> [Consult. em 12 fevereiro 2018].
- Aron, R., 2002. *Paz e Guerra entre as Nações*. 1 ed. São Paulo: Editora Universidade de Brasília.
- Balão, S., 2012. *A PESC, a PESD, a PCSD e a definição da Estratégia da UE para o Ártico*. Debater a Europa, pp 169 a 270.
- Barents Observer, 2016. *These are Russia's top Arctic investments*. [Em linha] Disponível em: <<https://thebarentsobserver.com/en>> [Consult. em 12 fevereiro 2018].
- Bentzen, N. e Hall, M., 2017. *Arctic continental shelf claims - European Parliament Briefing*. [Em linha] Disponível em: <[http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2017/595870/EPRS_BRI\(2017\)595870_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2017/595870/EPRS_BRI(2017)595870_EN.pdf)> [Consult. em 3 fevereiro 2018].
- Canada, 2009. *Canada's Northern Strategy: our North, our Heritage, our Future*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.northernstrategy.gc.ca/cns/cns.pdf>> [Consult. em 2 fevereiro 2018].
- Canada, 2010. *Statement on Canada's Arctic foreign policy*. [Em linha] Disponível em: <http://www.international.gc.ca/arctic-arctique/assets/pdfs/canada_arctic_foreign_policy-eng.pdf> [Consult. em 2 janeiro 2017].
- Churchil, R. e Ulfstein, G., 2012. *THE DISPUTED MARITIME ZONES AROUND SVALBARD*. [Em linha] Disponível em: <<http://ulfstein.net/wp-content/uploads/2012/08/ChurchillUlfstein20101.pdf>> [Consult. em 3 fevereiro 2018].

- Costa, P., 2016. *A geopolítica do gás natural no Ártico. Implicações para a União Europeia*. Lisboa: IUM.
- Costa, P., 2018. *O Ártico*. Entrevistado por Nuno Domingues [Por email]. Lisboa, 6 de fevereiro de 2018.
- Cros, L., 2018. *Canada: Portrait of another America*. [Em linha] Disponível em: <http://option.canada.pagesperso-orange.fr/NWP_baselines.htm> [Consult. em 2 fevereiro 2018].
- Dantas, M., 2016. *Professor Marciano Dantas*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=i&erct=jeq&esrc=sesource=images&ecd=ecad=rjaeuact=8eved=0ahUKEwllpCcgcZAhVKGt8KHS-8C1AQjRwIBweurl=http%3A%2F%2Fprofessormarcianodantas.blogspot.com%2F2014%2F06%2Fa-regiao-do-artico.html&sig=AOvVaw1NJ-meI9CwoPYL9jtmfTFWeust=>>> [Consult. em 3 fevereiro 2018].
- DD, 2016. *The Royal Danish Navy*. [Em linha] Disponível em: <<https://www2.forsvaret.dk/eng/Organisation/Navy/Pages/Navy.aspx>> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- DD, 2017. *Joint Arctic Command*. [Em linha] Disponível em: <<https://www2.forsvaret.dk/eng/Organisation/ArcticCommand/Pages/ArcticCommand.aspx>> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- Dictionary, E. O., 2018. *Arctic*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.etymonline.com/word/arctic>> [Consult. em 25 fevereiro 2018].
- Dinamarca, 2011. *Denmark, Greenland and Faroe Islands: Kingdom of Denmark Strategy for the Arctic 2011-2020*. [Em linha] Disponível em: <<http://library.arcticportal.org/1890/1/DENMARK.pdf>> [Consult. em 11 fevereiro 2018].
- DoD, 2016. *Report to Congress on Strategy to Protect United States National Security Interests in the Arctic Region*. [Em linha] Disponível em: <https://www.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2016-Arctic-Strategy-UNCLAS-cleared-for-release.pdf> [Consult. em 11 fevereiro 2018].
- Durban University, 2018. *Arctic Maps*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.dur.ac.uk/ibru/resources/arctic/>> [Consult. em 9 fevereiro 2018].
- EUA, 2013. *National Strategy for the Arctic Region*. [Em linha] Disponível em: https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/docs/nat_arctic_strategy.pdf. [Consult. em 11 fevereiro 2018].
- Ferrão, E., 2013. *A abertura do Ártico (Northern Passage) - Implicações Políticas, Diplomáticas e Comerciais*. Lisboa: IUM.
- Ferrão, E., 2018. *O Ártico*. Entrevistado por Paulo Abreu [Por email]. Lisboa, 9 de fevereiro de 2018.
- Filipe, G., 2017. *RepositoriUM*. [Em linha] Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/46451>> [Consult. em 10 fevereiro 2018].
- Geográfico, G., 2018. <<http://www.guiageografico.com/artico/batimetria.htm>> [Em linha] [Consult. em 25 fevereiro 2018].
- GOC, 1998. *Agreement Between the Government of Canada and the Government of the United States of America on Arctic Cooperation*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.treaty-accord.gc.ca/text-texte.aspx?id=101701>> [Consult. em 4 fevereiro 2018].

- GOC, 2017. *Canada and the Circumpolar Arctic*. [Em linha] Disponível em: <http://international.gc.ca/world-monde/international_relationsrelations_internationales/arctic-arctique/index.aspx?lang=eng> [Consult. em 3 fevereiro 2018].
- GOC, 2018a. *National Defence and Canadian Armed Forces*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.forces.gc.ca/en/operations-canada-north-america/north.page>> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- GOC, 2018b. *Canadian Coast Guard*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.ccg-gcc.gc.ca/icebreaking/home>> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- Guedes, A., 2018. *O Ártico*. Entrevistado por Nuno Domingues e Paulo Abreu [Presencialmente]. Lisboa, 9 de fevereiro de 2018.
- Heininen, L., 2015. Meet “Mr. Arctic”! An Interview with Professor Lassi Heininen. Entrevistado por Megan Angulo [Por email]. 13 de julho de 2015. Disponível em: <<http://hipporeads.com/meet-mr-arctic-an-interview-with-professor-lassi-heininen/>> [Consult. em 20 outubro 2018].
- Heleniak, T., 2014. *Arctic Populations and Migration - Arctic Human Development Report*, Denmark: Nordic Council of Ministers.
- Huebert, R., Exner-Pirot, H., Lajeunesse, A., e Gullett, J., 2012. *Climate Change & International Security: The Arctic as a Bellwether*. Arlington, Virginia: Center for Climate and Energy Solutions. Disponível em: <<http://www.c2es.org/publications/climate-change-international-arctic-security/>> [Consult. em 20 outubro 2018].
- ICJ, 1993. *Case concerning maritime delimitation in the area between Greenland and Jan Mayen*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.icj-cij.org/files/case-related/78/6745.pdf>> [Consult. em 3 fevereiro 2018].
- IISS, 2017. *The Military Balance 2017*. s.l.:Routledge.
- IISS, 2018. *The Military Balance 2018*. s.l.:Routledge.
- IPCC, 2013. <<http://templatelab.com/climatechange-WGI-AR5-SPM-brochure/>> [Em linha] [Consult. em 22 fevereiro 2018].
- Jacinto, C. 2014. *Guerras pelos recursos. O caso do Ártico*. Évora: Universidade de Évora.
- Kaczynski, V., 2007. *Russian Analytical Digest*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/pdfs/RAD-20-2-5.pdf>> [Consult. em 2 fevereiro 2018].
- Kristiansen, R., 2013. *Canadian Military Journal*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.journal.forces.gc.ca/vol13/no3/page34-eng.asp>> [Consult. em 9 fevereiro 2018].
- Leal, J., 2012. *O Ártico como espaço Geopolítico*. Lisboa: ISCTE.
- Leal, J., 2018. *O Ártico*. Entrevistado por Paulo Abreu [Por email]. Lisboa, 9 de fevereiro de 2018.
- Macfarlan, T., 2014. *MailEm linha - Daily Mail*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2873808/Denmark-claims-North-Pole-Greenland-ridge-link.html>> [Consult. em 9 fevereiro 2018].
- Marshall, T., 2017. *Prisioneiros da Geografia*. Porto Salvo: Desassossego.
- NAF, 2018a. *Norwegian Joint Headquarters*. [Em linha] Disponível em: <https://forsvaret.no/en/organisation/joint-headquarters> [Consult. em 5 fevereiro 2018].

- NAF, 2018b. *The Navy*. [Em linha] Disponível em: <<https://forsvaret.no/en/organisation/navy>> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- NATO, 2009. <https://www.files.ethz.ch/isn/102391/fp_07.pdf> [Em linha] [Consult. em 25 fevereiro 2018].
- Noruega, 2017. *Norway's Arctic Strategy*. [Em linha] Disponível em: https://www.regjeringen.no/contentassets/76dc3d09a93a460c8fe649390a722689/arctic-strategy_kort-versjon.pdf. [Consult. em 11 fevereiro 2018].
- NSIDC, 2018. *What is the Arctic?* [Em linha] Disponível em: <<https://nsidc.org/cryosphere/arctic-meteorology/arctic.html>> [Consult. em 22 fevereiro 2018].
- O' Rourke, R., 2017. *Coast Guard Polar Icebreaker Modernization: Background and Issues for Congress*, Washington: Congressional Research Service.
- Offshore, R., 2009. *First ever release of USGS offshore arctic resource assessment*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.offshore-mag.com/articles/print/volume-69/issue-8/ARCTIC/first-ever-release-of-usgs-offshore-arctic-resource-assessment.html>> [Consult. em 25 fevereiro 2018].
- ONU, 1982. *Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar*. Montego Bay: s.n.
- Østerud, Ø. e Hønneland, G., 2014. Geopolitics and International Governance in the Arctic. *Arctic Review on Law and Politics* - Vol 5, fevereiro.
- Pay, B., 2009. *National Maritime Claims in the Arctic*. Alaska: U.S. Department of State. Disponível em: <http://www.virginia.edu/colp/pdf/Van_Pay-Arctic-Claims.pdf> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- Quinn, E., 2017. *Eye on the Arctic*. [Em linha] Disponível em: <www.rcinet.ca/eye-on-the-arctic/2017/08/28/canada-announces-175-million-dollar-investment-in-arctic-waters-protection/> [Consult. em 10 fevereiro 2018].
- Regehr, E. e Jackett, M., 2017. *The Simons Foundation - Circumpolar Facilities of the Arctic Five*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.thesimonsfoundation.ca/sites/default/files/Circumpolar%20Military%20Facilities%20of%20the%20Arctic%20Five%20-%20updated%20September%202017.pdf>> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- Reynolds, P., 2005. *BBC - Ártico: la nueva "fiebre del oro"*. [Em linha] Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/spanish/international/newsid_4377000/4377202.stm> [Consult. em 12 fevereiro 18].
- Roston, E. e Miglioni, B., 2017. *How a Melting Arctic Changes Everything*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/graphics/2017-arctic/the-political-arctic/>> [Consult. em 4 fevereiro 2018].
- Russia, 2009. *Russian Federation's Policy for the Arctic 2020*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.arctis-search.com/Russian+Federation+Policy+for+the+Arctic+to+2020>> [Consult. em 11 fevereiro 2018].
- Russia, 2013. *The development strategy of the Arctic zone of the Russian Federation and national security for the period up to 2020*. [Em linha] Disponível em: <<http://www.research.kobe-u.ac.jp/gsics-pcrc/sympo/20160728/documents/Keynote/Russian%20Arctic%20strategy%202013.pdf>> [Consult. em 11 fevereiro 2018].

- Russia, 2016. *Foreign Policy Concept of the Russian Federation*. [Em linha] Disponível em: <http://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptlCk6B6BZ29/content/id/2542248> [Consult. em 11 fevereiro 2018].
- Schulze, V.-G., 2017. *Arctic Strategies Round-up 2017*. [Em linha] Disponível em: <http://www.arctic-office.de/fileadmin/user_upload/www.arctic-office.de/PDF_uploads/Arctic-Strategies_EN_10.11.17.pdf> [Consult. em 12 fevereiro 2018].
- Sechrist, F., Fett, R. e Perryman, D., 1989. *Forecasters Handbook for the Arctic*. Monterey: Space and Naval Warfare Systems Command.
- Sudbrack, L., 2013. *Jogos de poder no Ártico: Um reflexo do sistema internacional em transformação*. [Em linha] Disponível em: <http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/lucas_sudbrack_sul_-_ii_semic_2013_0.pdf> [Consult. em 2 fevereiro 2018].
- TheArctic, 2018. *Population*. [Em linha] Disponível em: <http://arctic.ru/population/> [Consult. em 3 fevereiro 2018].
- USDOD, 2018. *Unified Command Plan*. [Em linha] Disponível em: <https://www.defense.gov/About/Military-Departments/Unified-Combatant-Commands/> [Consult. em 5 fevereiro 2018].
- USGS, 2008. *Circum-Arctic Resource Appraisal: Estimates of Undiscovered Oil and Gas North of the Arctic Circle*. [Em linha] Disponível em: <<http://pubs.usgs.gov/fs/2008/3049/fs2008-3049.pdf>> [Consult. em 2 fevereiro 2018].
- Worldatlas, 2018a. *Norway*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.worldatlas.com/webimage/countrys/europe/no.htm>> [Consult. em 10 fevereiro 2018].
- Worldatlas, 2018b. *Greenland*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.worldatlas.com/webimage/countrys/namerica/lgcolor/glcolor.htm>> [Consult. em 10 fevereiro 2018].
- Worldatlas, 2018c. *Canada*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.worldatlas.com/webimage/countrys/namerica/lgcolor/cacolor.htm>> [Consult. em 10 fevereiro 2018].
- Worldatlas, 2018d. *Alaska*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.worldatlas.com/webimage/countrys/namerica/usstates/lgcolor/akcolor.htm>> [Consult. em 10 fevereiro 2018].
- Worldatlas, 2018e. *Siberia*. [Em linha] Disponível em: <<https://www.worldatlas.com/webimage/countrys/asia/lgcolor/rucolor.htm>> [Consult. em 10 fevereiro 2018].